

**MUDANÇA MORFOLÓGICA NA LÍNGUA TERENA:  
UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA**

*Letícia Reis de Oliveira* (UEMS)

[leticia\\_reis\\_oliveira@hotmail.com](mailto:leticia_reis_oliveira@hotmail.com)

*Miguel Eugenio Almeida* (UEMS)

[mealmeida\\_99@yahoo.com.br](mailto:mealmeida_99@yahoo.com.br)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**RESUMO**

O presente trabalho visa descrever a histórica interna e externa da língua terena<sup>1</sup>, língua indígena ligada ao tronco *aruaque*. A ênfase dada será na questão da morfologia dessa língua pelo viés historiográfico. O *corpus* a ser coletado para exemplificação das mudanças presentes na língua terena serão dos seguintes trabalhos: *Gramática da Língua Terena* publicado pelos pesquisadores da SIL – Sociedade Internacional de Linguística, instituição missionária formada por linguístas (1979), *Dicionário Infantil da Língua Terena* (2005) e o *Vocabulário Guaná* (1875) do Instituto Histórico Geográfico e Ethnographico do Brasil.

**Palavras-Chave:** *Língua terena. Mudança morfológica. Historiografia.*

**1. Introdução**

Ao estudar historiograficamente uma língua, muitos pensam não ser necessário o estudo externo da língua. No entanto, Faraco (1998) afirma não só a necessidade, mas também a possibilidade de um estudo tanto da história interna, quanto externa da língua. Por isso, baseado nos estudos a respeito de mudança linguística e linguística histórica, é que iremos buscar fazer uma descrição histórica da língua terena, apontando

---

<sup>1</sup> Nota do editor: Foi atualizada a ortografia dos nomes de línguas, tribos, nações etc., de acordo com a ortografia da língua portuguesa, inclusive com a uniformização do uso de iniciais maiúsculas.

as mudanças morfológicas que têm ocorrido nessa língua. Desde os primeiros escritos da língua guaná que deu origem a língua terena até os dicionários e gramáticas mais atuais.

A língua terena tem a sua origem a partir do povo guaná que vivia na região do Chaco Paraguai, historicamente sabe-se que há semelhanças entre as duas línguas devido ao fato de uma ter gerado a outra. Dessa forma, faremos alguns estudos morfológicos comparativos da língua guaná de 1875 e do terena registrado em 2005.

## **2. Elementos da história externa da língua terena**

A história externa de uma língua trata principalmente das questões sociolinguísticas e segundo Faraco (1998, p. 37) também trata de uma história que visa recuperar o cotidiano das populações. Nesse sentido, quando busca-se resgatar elementos da história da língua terena é necessário antes de tudo falar da história dos aruaques, posteriormente do povo guaná até chegar a história da língua terena.

### **2.1. Os aruaques**

A família aruaque é uma das maiores de acordo do continente ocidental, pois abriga as mais distintas línguas, segundo informações do PROEL – Promotora Espanhola de Linguística<sup>2</sup>.

Antes de la conquista española las lenguas arahuacanas eran habladas en regiones desconectadas entre sí desde el Caribe hacia el sur hasta el Gran Chaco y las fuentes del río Xingu en Brasil meridional y desde la desembocadura del Amazonas hasta las laderas de los Andes. Comprende alrededor de 80 lenguas y dialectos, que han sido hablados, en el pasado, en Florida y las Antillas y, actualmente en las Guayanas, Venezuela, Colombia, Brasil, hasta las estribaciones de los Andes peruanos. La mayoría de sus hablantes forma parte de pequeños grupos tribales. (PROEL)<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Dados recolhidos do seguinte artigo: "Tronco Arawak o Arahuaço". Disponível na página da Promotora Espanhola de Linguística – PROEL: <<http://www.proel.org/index.php?pagina=mundo/amerindia/arawak>>. Acesso em: 29-05-2014.

<sup>3</sup> "Antes da conquista espanhola as línguas aruaques eram faladas em regiões desconectadas entre si desde o Caribe até o sul do Grande Chaco e das fontes do rio Xingu no Brasil meridional até o desembocar do Amazonas até as ladeiras do Andes. Compreende em torno de 80 línguas e dialetos, que foram falados, no passado, na Florida e nas Antilhas e, atualmente nas Guianas, Venezuela, Colômbia, Brasil, até as "proximidades" dos Andes peruanos. A maioria de seus falantes forma parte de pequenas tribos". (Tradução livre)

O cenário da família linguística aruaque no Brasil possui o total de 15 línguas agrupadas, as línguas que pertencem a essa família e se encontram em território brasileiro, são as seguintes de acordo com a listagem feita por (RODRIGUES, 2013, p. 12): apurinã (AM), baniua do içana (AM), campa (AM), curipaco (AM), maxinere (AC), meinaco (MT), palicur (AP), paresi (MT), salumã (MT), tariana (AM), terena (MS), uapixana (RR), uarequena (AM), uaurá (MT), iualapití (MT)<sup>4</sup>.

O povo guanã viveu em torno do Chaco paraguaio e pertence à família aruaque pelo fato de também falar o aruaque, segundo estudos da língua terena há a hipótese de que eles descendem dos guanãs se analisarmos a localização atual do povo terena, veremos que essa é uma possibilidade devido à semelhança na localização atual das comunidades terenas no Mato Grosso do Sul, que em sua maioria estão em torno do rio Paraguai ou de seus afluentes. Além disso, boa parte do povo está próximo ao Pantanal, sul-mato-grossense, a região do Chaco também é conhecida por ter um ecossistema muito parecido como o da região atual em que vivem essa população indígena. Sobre a importância de saber a localização de um povo e as línguas que teve contato, temos a seguinte afirmação:

Pode-se conhecer o lugar de origem das pessoas porque as línguas têm elementos comuns e pode-se perceber que cada povo recebe várias influências no contato com outras populações. Com a convivência são acrescentadas novas palavras, alterando constantemente a língua original. Quando uma comunidade se separa, a convivência entre as pessoas diminui e, e consequência, aumenta as diferenças na fala dos habitantes desses lugares. Quando esses grupos mudam-separa outros lugares distantes, perdem todo o contato entre si e não existe a possibilidade de incorporar palavras novas. (BITTENCOURT; LADEIRA. 2000, p. 12)

Dessa forma, devido a esses contatos e também a necessidade de mudança de território ao longo da sua história e para a sua sobrevivência, foi que os guanãs que falavam a língua aruaque, chegaram até o Paraguai. E devido à guerra Brasil – Paraguai foi que esses povos se espalharam no território em que vivem atualmente os terenas no Mato Grosso do Sul, região que durante a guerra chegou a ser dos paraguaios. A guerra do Paraguai foi um período difícil para os terenas e para a sua sobrevivência foi necessário que eles fizessem alianças com outros povos, como os Guaicurús (BITTENCOURT & LADEIRA, 2000, p. 26) foi nesse período também que eles perderam suas terras, devido ao fato do não índio

---

<sup>4</sup> Como informamos, no início deste artigo, atualizamos a ortografia dos nomes de línguas, nações e tribos indígenas.

ter tomado posse das que pertenciam a esse povo, sabe-se que até o tempo presente essas disputas permanecem.

Voltando à questão dos aruaques, de acordo com a Promotora Espanhola de Linguística (PROEL, 2009) “*El tronco arahuacano (arawákan, Aruak) contiene más lenguas distintivas que cualquier otra familia del hemisferio occidental y es internamente más diverso que cualquier otro grupo genético en Sudamérica*”<sup>5</sup>. E é devido a essas distinções que não se sabe ao certo quais são as relações que elas possuem entre si de forma detalhada aponta Rodrigues (2002, p. 66).

## 2.2. Os terenas

Pesquisadores espanhóis afirmam que os terenas são um povo que descendem dos guanás, povo que tinha como língua o aruaque. “Los terena son los últimos supervivientes de la nación guaná, quienes vivieron con los guaycuruan mbyá, siendo sus descendientes los kadiweu”. (*Idem*)

Em outras classificações eles aparecem como sendo o mesmo povo, o que nos leva a retomar a língua guaná e verificar as semelhanças que há com a língua terena. O que se sabe sobre o surgimento dos terenas partem de relatos orais feitos pelos anciãos das comunidades. Uma das versões é a da instalação do povo guaná-chané ter migrado para viver às margens do rio Paraguai no estado do Mato Grosso do Sul, como já citado anteriormente, segundo estudioso da história e cultura terena, o professor Rafael (aldeia Buriti), conta uma das versões desses relatos orais:

No passado, quando não havia gente no mundo, então brotaram da terra duas pessoas. Estavam nuas e encolhidas por causa do frio. Elas pegaram em duas coisas. Uma pegou no ferro e a outra pegou no porungo. A que pegou no ferro deu origem ao povo branco, este ficou rico por causa do ferro. A que pegou no porungo deu origem ao povo terena, que não enriqueceu, pois não teve nada por causa do porungo. (VARGAS et al., 2011, p. 10)

Podemos pensar quais são as relações dessa história externa da língua terena tem a ver com o estudo das mudanças morfológicas. No entanto, o estudo historiográfico de uma língua, também resgata essa “micro-história” (FARACO, 1998, p. 37) na tentativa de compreender o co-

---

<sup>5</sup> O tronco aruaque (*Arawákan, Aruak*) possui mais línguas diferentes do que qualquer outra família do hemisfério ocidental e é internamente mais diversificado que qualquer outro grupo genético da América do Sul. (Tradução livre)

tidiano, ou seja, as crenças, a formação dessa comunidade, alimentação, tipo de liderança (governo), a sua cultura de maneira geral.

Há também documentos históricos que relatam a participação dos terenas na guerra contra o Paraguai: “Contribuíram com o exército brasileiro, sendo eles soldados, guias nas regiões de conflitos, produtores de alimentos e informantes do governo brasileiro”. (VARGAS et al., 2011, p. 12)

Percebemos então que os terenas já habitavam as regiões do município de Miranda – MS nesse período. Vargas também aponta que a etnia sobreviveu graças a um esconderijo que mantiveram em um lugar de difícil acesso, além de terem sido aliados dos militares, o que já os poupou de maiores sofrimentos.

Como todo povo, eles também possuem uma organização social, uma divisão de tarefas dentro das comunidades, em que cada membro tem a sua função específica para “servir” o seu povo. Essa organização social está registrada da seguinte forma:

Os nobres, conhecidos como *unati-chané*, eram os chefes do povo e sua parentela; os guerreiros ou *chuná-acheti* eram os que se destacavam nas guerras contra os outros povos e sua respectiva parentela; os plebeus ou *uarrerê-tchané*, eram os homens comuns; os escravos ou cativos, ou *kauti* eram índios de outros grupos, geralmente capturados em guerra. Os plebeus ou mesmo os escravos poderiam ingressar na classe social dos guerreiros desde que demonstrassem valor para isso. O casamento fora das classes era reprovado pelo grupo resultando na perda de sua posição social. (VARGAS et al., 2011, p. 20)

É importante saber ainda que a transmissão desses cargos era hereditária. Segundo Rosa (2010, p. 40) essa divisão não é atualmente muito nítida, mas aparece em alguns rituais, como danças, além disso, a pesquisadora aponta que é muito forte a questão do chefe, cada família tem o seu chefe, que participa de um conselho, ou seja, a reunião da liderança e participa das decisões da comunidade.

### 3. *Elementos da história interna da língua terena*

Esse estudo visa buscar um encaixe entre os elementos de história interna e externo da língua terena, pois como Faraco (1998, p. 38) aponta que esse “encaixe” trata daquilo que é estrutural e social, e visa de maneira diferente dos estruturalistas que se apropriavam somente da língua

para seus estudos, a proposta aqui é essa nova perspectiva apontada por Faraco como método utilizado por muitos linguistas históricos.

### **3.1. A morfologia da língua terena**

A morfologia é a unidade que trata da estrutura da palavra, se pensarmos em uma definição bem simples. A palavra por sua vez é aquela que passeia pela língua a fim de forma sentidos e significações, quando estudamos uma língua pelo viés da morfologia o que se percebe é que esse estudo da palavra ajuda a compreender o funcionamento dessa língua, pois por meio dos *morfemas*, unidades mínimas da morfologia, é que podemos identificar e classificar as palavras por exemplo. Rosa (2010, p. 67) classificou a língua terena pertencente à seguinte tipologia morfológica: “O terena é classificado como uma língua aglutinante, por verificar-se que o verbo e o nome aglutinam morfemas que expressam significados diferentes do exposto pela raiz verbal ou nominal sendo facilmente identificados (...)”. (ROSA, 2010, p. 69)

Ou seja, em uma só “palavra” aparecem o verbo e o objeto. Segue um exemplo da Gramática da Butler & Ekdahl (1979, p. 23):

Kuti itúko? (O que está fazendo?)  
Inzfkaxovoti (Estou estudando.)

Outra questão importante é que os prefixos e sufixos que irá nos mostrar a qual classe essa palavra pertence. Sobre as mudanças das palavras na língua terena temos a seguinte afirmação: “É comum a todas as línguas a mudança de categoria a partir do sufixo, porém a ocorrência de mudança na categoria gramatical partindo de um prefixo se dá em pequena escala”. (ALMEIDA, 2005, p. 32)

Dessa forma iremos observar as mudanças morfológicas em alguns registros feitos da língua terena, de gramáticas a dicionários e trabalhos acadêmicos. O primeiro registro de um vocabulário encontrado e mais antigo que está relacionado ao estudo da língua terena, é o “Vocabulário da língua guaná ou chané (Província de Matto Grosso)”, elaborado por Alfredo Taunay, partiremos desse vocabulário, pois sabe-se que os terenas descendem desse povo e pertencem também ao mesmo tronco linguístico e quando fazemos as observações das duas línguas averiguamos as inúmeras semelhanças, como veremos adiante.

### 3.2. Metaplasmos: mudança na estrutura das palavras

Antes de partirmos para análise, é necessária uma pausa para entendermos o que são os metaplasmos. “O metaplasmo é uma mudança na estrutura de uma palavra ocasionada por acréscimo ou deslocamento dos sons de que ela é composta” (BAGNO, 2007, p. 8). Por isso, quando estudamos as mudanças morfológicas de uma língua é necessário abordar a questão das mudanças estruturais de uma palavra.

A seguir, veja o quadro com algumas das principais nomenclaturas dessas alterações feitas pelo filólogo José Pereira da Silva (2010):

NOMENCLATURA	DEFINIÇÃO / FUNÇÃO
Aférese	É o desaparecimento de fonema no começo da palavra.
Síncope	É o desaparecimento de fonema no interior da palavra.
Haplologia	É o fenômeno que consiste no desaparecimento de uma sílaba quando na palavra há uma igual ou semelhante.
Apócope	É o desaparecimento de fonema no final da palavra.
Prótese	(também dito <i>prótese</i> ) é o desenvolvimento de fonema no princípio da palavra.
Epêntese	É o desenvolvimento de fonema no interior da palavra.
Ditongação	É fenômeno que consiste no desdobramento de uma vogal até criar um ditongo.
Paragoge	É o desenvolvimento de fonema no final da palavra.
Hipértese	É a transposição de um fonema de uma sílaba para outra.
Assimilação	É a influência que um fonema exerce sobre outro próximo, ao ponto de dar-lhe semelhança total ou parcial.
Dissimilação	É a transformação de um fonema para torná-lo desigual <i>dessemelhante</i> a outro. Pode-se dizer que constitui fenômeno oposto à assimilação.
Vocalização	É a passagem de uma consoante a semivogal.
Consonantização	É a transformação de um fonema vocálico em consoante.
Crase	É a fusão de vogais iguais em uma só.
Nasalização	É a transformação de um fonema oral em nasal.
Desnasalização	É o desaparecimento da nasalidade de um fonema.
Sonorização	É a troca de uma consoante surda pela sua homorgânica sonora. Um fonema é denominado homorgânico em relação a outro quando têm o ponto de articulação em comum. Só ocorre sonorização se a consoante estiver em posição intervocálica.
Palatalização	É a fusão de uma consoante a um iode, determinando o aparecimento de uma consoante palatal. Chama-se <i>iode</i> ao <i>i</i> que, pronunciado com o fechamento do canal bucal, como acontece com <i>ioiô</i> , adquire som consonântico.
Oclusão	Consiste na passagem de uma das vogais extremas <i>i</i> (às vezes <i>e</i> ) e <i>u</i> (às vezes <i>o</i> ) a semivogais, formando ditongo com a vogal anterior.
Assibilação	É a transformação de um ou mais fonemas em um sibilante.
Monotongação	É a simplificação de um ditongo em uma vogal.

Aponofia	É a mudança de <i>timbre</i> de uma vogal por influência de um <i>pre- fixo</i> .
Metafonía	É a mudança de timbre de uma vogal tônica por influência de outra, geralmente <i>i</i> ou <i>u</i> .

Esse quadro mostra algumas das mudanças que podem acontecer na estrutura de uma palavra, de forma bastante simples e ampla. Mas também precisamos nos atentar para o fato de que esses metaplasmos são baseados nas mudanças da língua latina para a língua portuguesa, é possível que no caso de línguas indígenas nem todos esses fenômenos sejam encontrados, devido à estrutura de a língua ser distinta. Os quatro tipos de metaplasmos existentes segundo Bagno (2007, p. 8): “Por acréscimo, por supressão, por transposição e por transformação”. Nesse sentido, iremos verificar algumas das possíveis mudanças morfológicas, ou seja, na estrutura da palavra que ocorreram com o passar do tempo.

Vejamos as mudanças morfológicas da palavra *água*:

Guaná	Terena
Unné	Une

Nesse caso, pegamos o guaná (TAUNAY, 1875, p. 17) e o terena (RODRIGUES, 2002, p. 69), o que podemos perceber na mudança que ocorreu ao longo do tempo foi à redução da geminada nasal do fonema [n] e uma diástole, ou seja, deslocamento do acento para a sílaba posterior. Já com a palavra “língua” ocorreu o seguinte:

Guaná (1875)	Terena (2002)
Nahênê	Nene

Do guaná para o terena houve a síncope dos fonemas [a] e [h] e a diástole com o acento. Mas em uma busca mais recente, no *Dicionário Bilingue Infantil* (2005), dessa palavra na língua terena encontramos o seguinte:

Terena (2005)
Nêneti

Percebemos então que as mudanças do guaná (1875) para o terena registrado em 2005 houve uma mudança, a síncope dos morfemas [a] e [h] novamente, mas o que aparece de novo é a paragoge, ou seja, adição de fonemas no final da palavra.

Na palavra mula visualizamos as seguintes modificações:

Guaná (1875)	Terena (2005)
--------------	---------------

Senó-muricá	<b>murfka</b> , <i>n.</i> [Do Guarani] mula. <sup>6</sup>
-------------	---

O dicionário de 2005 aponta que a palavra vem do guarani, no entanto em um registro mais antigo vemos que na língua guaná já parecia essa palavra, pode ser que povos da língua guarani e guaná tenham tido contato, nesse caso, ficar difícil saber a origem. As mudanças presentes nesse vocábulo foram à supressão por meio da aférese que ocorre nos fonemas no início da palavra no caso são os seguintes: [s], [e], [n], [o]. No final da palavra mantém-se o som, porém há a transformação do fonema [c] para [k].

Já para designar “porco do mato”, ou “porco selvagem” há as seguintes palavras:

Guaná (1875)	Terena (2005)
Kimão	kimou

Nesse caso, ouve uma desnasalização e síncope do fonema [ã] e uma metafonia do fonema [o] pelo fonema [u].

#### 4. Considerações finais

A partir dessa pequena demonstração de algumas mudanças morfológicas que aparecem na língua terena, com o passar do tempo, ou seja, por meio da sua constituição histórica, o que pudemos perceber nos dois exemplos dados acima, é que a desnasalização é uma tendência no terena atual, diferente da língua guaná de 1875, que aparece em maior quantidade.

Um caso que nos deixou intrigado a buscar novas respostas, foi a das palavras para “mula”, pois no dicionário infantil 2005 ela é apontada como vinda do guarani, no entanto, não se sabe se é do tupi-guarani, ou do guarani falado no Mato Grosso do Sul na divisa com o Paraguai, buscamos registros em ambas as línguas e não encontramos. Porém uma possibilidade é de que a origem seja da língua guaná e devido ao contato com paraguaios durante a guerra do Paraguai essa palavra tenha sido um empréstimo e utilizada no guarani falado na fronteira do estado. Já com relação aos significados das palavras em ambos os casos eles permaneceram o mesmo, não houve mudança ou variação dos sentidos.

<sup>6</sup>Transcrição literal do *Dicionário Bilingue Infantil Terena* (2005).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. B. K. *O léxico da língua terêna*. Proposta do dicionário infantil – bilíngue terêna-português. 2005. – Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília – UnB, Brasília.

BAGNO, M. *Gramática histórica: do latim ao português brasileiro*. Caderno para sala de aula. Brasília: UnB, 2007.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo terena*. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<http://www.indioeduca.org/wp-content/uploads/2013/01/hist%C3%B3ria-do-povo-terena.pdf>>.

BUTLER, N. E.; EKDAHL, E. M. *Aprenda terena*, vol. 1. ed. rev. Anápolis: SIL, 2012.

FARACO, C. A. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 1998.

PROEL. *Lengua terêna*. Promotora Espanhola de Linguística. Disponível em:

<<http://www.proel.org/index.php?pagina=mundo/amerindia/arawak/maipurean/terena>>. Acesso em: 30-05-2014.

\_\_\_\_\_. *Tronco Arawak o Arahuaco*. Promotora Espanhola de Linguística. Disponível em:

<<http://www.proel.org/index.php?pagina=mundo/amerindia/arawak>>. Acesso em: 25-05-2014.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. Disponível em:

<<http://www.laliunb.com.br>>. Acesso em: 25-05-2014.

\_\_\_\_\_. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 2002.

SILVA, José Pereira da. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2010.

VARGAS, Icléia Albuquerque et al. *Os terena da aldeia Buriti*. Campo Grande: Oeste, 2011.